

CABULA

PMS FMI GERIN
BIBLIOTECA

Jornal
Correio da Bahia

Data
25/03/94

Caderno
Aqui Sobradia 3

Seção

Assunto

Bairro

CABULA

LIR
B5 A4 B4



A construção dos conjuntos levou ao crescimento populacional e ao progresso rápido, com o desenvolvimento comercial. O bairro dispõe de infraestrutura completa

Conjuntos habitacionais, referencial do bairro



Onde havia fazendas e matas virgens, já foram erguidos 23 conjuntos

Regina Vilhena

A té pouco tempo um dos bairros mais verdes de Salvador, o Cabula agora tem como referência a grande quantidade de conjuntos habitacionais. Foram construídos cerca de 23 conjuntos nas últimas décadas, fazendo com que o bairro experimentasse um crescimento populacional dos mais significativos em Salvador. O progresso rápido trouxe grandes benefícios, como o desenvolvimento comercial, mas também problemas sociais como o aumento de favelas e invasões. Além disso, os moradores reclamam da falta de áreas de lazer.

O bairro hoje ocupa uma região onde antes havia fazendas, com a predominância da mata virgem. A especulação imobiliária não tardou a chegar e a modificar a paisagem natural, hoje lembrada em poucos locais, ra exemplo do conjunto Recanto do Cabula. Atrás da parte residencial existe um precipício rochoso com uma lagoa, não aproveitada pelos moradores devido à sujeira. Um dos diretores da Associação de Moradores do conjunto Chopm I, Landovaldo Manoel da Silva, diz que os moradores procuram diversão fora do bairro. "Dentro do próprio conjunto, até os es-

paços livres foram ocupados pelas garagens", observa ele.

Infra-estrutura — Em compensação, o Cabula dispõe de uma infra-estrutura que permite aos moradores utilizar praticamente todos os serviços essenciais sem ser preciso se deslocar para o centro da cidade. Todo domingo tem feira livre nos conjuntos, há supermercados no bairro, vários bares e restaurantes, pizzaria, escolas, curso de inglês, postos de serviço de água e luz e clínicas médicas. Também a Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e o Hospital Roberto Santos, um dos principais de emergência do estado, ficam localizados no Cabula.

No entanto o aparecimento das invasões tem incomodado, principalmente os moradores antigos que recordam do Cabula mais tranquilo e sem violência. "Quase todo dia tem policial fazendo batida nesta invasão", informa Eládio Boelho, 74 anos, residente no Cabula I, referindo-se a uma área em frente ao conjunto tomada por pessoas de outros bairros, que agora está cheia de casebres. Ele conta que a única padaria do conjunto já foi assaltada várias vezes. Mas é na Avenida Edgar Santos que fica um dos locais de maiores conflitos por causa dos invasores, que foram retirados de lá sem sucesso, pela polícia, e acabaram voltando para descontentamento da vizinhança.

O convívio com as invasões

Abelardo de Carvalho, 60 anos, que mora numa invasão localizada na Avenida Edgar Santos, de frente para o Conjunto Doron, sente de perto a discriminação que os moradores dos conjuntos habitacionais têm contra os vizinhos "descamisados". Ele é dono de uma oficina onde trabalham desempregados da invasão e tem lutado para que as pessoas do lugar sejam vistas de maneira diferente. "Aqui tem homem trabalhador, que precisa suar a camisa para sobreviver junto com a família. Não somos os marginais que todos pensam", protesta, apontando para os mecânicos que exercem a profissão graças a ele.

Embora tenha pouco mais de cinco anos, a invasão já possui casas pavimentadas, comércio e várias oficinas que empregam a mão-de-obra local. Contudo segundo Abelardo falta praticamente tudo aos moradores. "Preci-

samos de creche, escolas, urbanização e policiamento", ressalta. Na sua opinião, em vez de os moradores dos conjuntos se queixarem dos invasores, deveria ser questionado o próprio modo de vida deles. "Quantas pessoas desqualificadas não moram também nestes apartamentos e fazem coisas piores que nós que moramos na invasão?", pergunta, indignado contra a perseguição.

Devido à falta de infra-estrutura e o isolamento das famílias que vivem nas invasões, Abelardo de Carvalho — que é mecânico de aviação aposentado — acha que os moradores aproveitam muito pouco do que surgiu com o desenvolvimento do bairro do Cabula. Utilizamos o Hospital Roberto Santos, que é público, e algumas escolas também. No resto vivemos abandonados", observa.

ONDE/Horto Florestal

Recanto da natureza



Algumas árvores, atração do horto, podem ser adquiridas pelos visitantes

Segundo histórias de moradores que vivem há mais de 25 anos no Cabula, o Horto Florestal era um lugar tomado por um areal que servia de refúgio para o lazer dos moradores. Quase nesse período, os técnicos do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) — o antigo IBDF — iniciaram o reflorestamento do lugar, que passou a funcionar como centro de pesquisa e fomento florestal. Para ali são enviados todos os animais apreendidos em feiras livres e locais de venda

clandestinos, para tratamento antes de serem soltos.

Um dos grandes atrativos do Horto Florestal do Cabula são as espécies vegetais encontradas na área de aproximadamente 33 hectares. Árvores nativas como o pau-brasil, o jacarandá e a arueira podem ser conhecidas no meio de outras espécies apreciadas mais pela beleza, como a "acácia chuva", a "acácia javânica" e os flamboyants. Além disso há muitas árvores frutíferas. Todas podem ser compradas pelos visitantes ao preço de Cr\$30,00 a mufla.

ensacada, já pronta para o plantio.

Atualmente, existem 15 mil mudas para venda procuradas tanto pela população, quanto por órgãos e entidades. Quem mais aproveita a área verde são as escolinhas de crianças que vão passear no parque além dos escoteiros e visitantes do bairro. O horto só não é mais visitado, segundo o técnico Paulo Henrique, devido à falta de infra-estrutura. "A maioria dos visitantes vem comprar plantas ou então fazer passeios rápidos", diz.

Moradores criam associações

O fato de famílias viverem em comunidades dentro dos próprios conjuntos forçou a criação de inúmeras associações de moradores. Nos finais de semana eles se encontram para jogar bola, conversar pelas esquinas, formar grupos de cardado ou então rodas de amigos que enchem os bares. Diariamente, porém, convivem com os problemas comuns aos conjuntos da periferia: falta de policiamento, coleta de lixo irregular e deficiência no abastecimento de água. Entretanto, os presidentes das entidades se queixam do desinteresse dos moradores pela luta por melhorias.

A Chácara do Cabula é um dos conjuntos mais antigos do bairro. Com 16 anos, possui, atualmente, quase quatro mil moradores que pagam a taxa mínima de Cr\$1.100,00 para manutenção do conjunto. No entanto, segundo Edelzuita Socorro Assunção, diretora do Centro Comunitário, há muitas dificuldades no relacionamento com os moradores. "Agora, por exemplo, eles não estão querendo transformar o conjunto num condomínio fechado, como quer o síndico geral, Edson França, para melhorar a segurança e valorizar os apartamentos", diz.

Como os moradores do Chácara do Cabula, as pessoas que vivem no Chopm I dispõem de armários, bares, barracas de revistas e padaria. Só não têm quadra polivalente de esporte e área de lazer. O conjunto tem pouco mais de dez anos de inaugurado — é um dos mais novos — e ultimamente tem aumentado o número de roubo de carros. O diretor da Associação de Moradores, Landovaldo Manoel da Silva, afirma que nem o fato do conjunto estar localizado em frente ao 19º BC diminui o índice de violência contra os moradores. A entidade conseguiu colocar dois policiais trabalhando diariamente para reduzir os assaltos. Porém "falta ainda uma sinalização dentro do conjunto e cuidados da prefeitura com o mato que está invadindo as áreas livres", acrescenta.

Esgotos entupidos, ruas esburacadas e assaltos são os principais problemas dos moradores do Cabula I, o primeiro a ser construído no bairro. A violência aumentou depois que apareceram as invasões e o atual presidente da Associação de Moradores, Raimundo Souza, disse que ela tende a piorar com a falta de policiamento. Os moradores estão comemorando a reabertura da associação, que depois de um ano de fechada, volta a servir como espaço de lazer, oferecendo lingo de sinuca e festas no final de semana.